

Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*

Christine Delory-Momberger

Université Paris 13/Nord

Resumo

A partir de um quadro geral de caminhos de formação por meio das histórias de vida, que apelam para *procedimentos de exploração* e se inscrevem contra uma definição acadêmica e instrumental da intervenção formativa, a proposta deste artigo é a de apresentar um dispositivo particular – os *ateliês biográficos de projeto*. O texto desenvolve, ao mesmo tempo, os princípios teóricos relativos a esse dispositivo, em suas modalidades práticas, e os desafios de formação de que ele é portador. O ateliê biográfico de projeto é um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao *projeto de si*. No quadro de um grupo de 12 pessoas, as histórias de vida individuais são o objeto de um trabalho de exploração e de socialização que passa por atos de escritura de si (*autobiografia*) e pela compreensão do outro (*heterobiografia*). O procedimento de formação acionado tem por objetivo explícito, portanto, colocar os participantes em situação de extrair um projeto de si profissional.

Palavras-chave

História de vida – Escrita de si – Biografização – Socialização.

Correspondência:
Christine Delory-Momberger
27 rue Francoeur
75018 – Paris - FRANCE
email: delbourg@club-internet.fr

* Tradução de Maria Carolina Nogueira
Dias e Helena C. Chamlian.

Formation and socialization: the project biographical workshops*

Christine Delory-Momberger

Université Paris 13/Nord

Abstract

Starting from a broad picture of paths of formation through life histories that make use of exploration procedures and position themselves against an academic and operational definition of the formative intervention, this article proposes to present a specific instrument: the project biographical workshops. At the same time, the text develops the theoretical principles related to this instrument in its practical modalities, and the challenges for the formation that it brings with it. The biographical workshop is a procedure that inscribes the life history in a dynamical prospective that links the past, the present and the future of the subject, and aims to make emerge his/her personal project, considering the dimension of the narrative as construction of the subject's experience and of the life history as a space of changes open to the project of the self. Within a group of twelve people the individual life histories are the object of an exploratory and socializing work that involves acts of writing about oneself (autobiography) and of understanding of the other (heterobiography). The formation procedure put into motion has therefore as its explicit objective to place the participants in a position to create a project for their professional selves.

Keywords

Life history – Writing about oneself – Biographization – Socialization.

Contact:

Christine Delory-Momberger
27 rue Francoeur
75018 – Paris - FRANCE
email: delbourg@club-internet.fr

**Translated by Maria Carolina Nogueira
Dias and Helena Coharik Chamlian.*

A prática de histórias de vida em formação fundamenta-se sobre a idéia de apropriação que o indivíduo faz de sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida. É nesse quadro de *autoformação* que o método de histórias de vida foi definido por Gaston Pineau e Marie Michèle (1983), segundo uma fórmula repetida continuamente, como “processo de apropriação de seu poder de formação” (p. 117). Tendo que responder às necessidades de formação oriundas de públicos à procura de emprego ou em reorientação profissional, os formadores são os primeiros que apelam para *procedimentos de exploração* e se inscrevem, com efeito, contra uma definição acadêmica e instrumental da intervenção formativa e desenvolvem uma concepção global da formação.

Um aspecto essencial dessa linha de pensamento de formação por meio das histórias de vida reside no reconhecimento – ao lado dos saberes formais e exteriores ao sujeito visados pelas instituições escolar e universitária – dos saberes subjetivos e não formalizados que os indivíduos colocam em prática nas experiências de suas vidas, em suas relações sociais e em suas atividades profissionais. Esses saberes *internos* possuem um papel primordial na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem, e sua conscientização permite definir novas relações com o saber e com a formação. Essa importância dada à experiência individual está inserida em um movimento global que associa intimamente os formandos aos processos formativos e os considera como os atores responsáveis por sua própria formação. O poder-saber dado é aquele que – ao refazer a história de sua vida, ele próprio se forma – lhe permitirá agir sobre si mesmo e sobre o seu ambiente, provendo os meios para reescrever sua história de acordo com o sentido e a finalidade de um projeto (Fabre, 1994)¹.

Dentro desse quadro geral de caminhos de formação por meio das histórias de vida (Pineau; Jabert, 1989; Pineau, 1983; Laine, 1998; Delory-Momberger, 2004)², a proposta deste artigo é a de apresentar um dispositivo

particular de formação, os *ateliês biográficos de projeto*; ao mesmo tempo, os princípios teóricos relativos a esse dispositivo, em suas modalidades práticas; e os desafios de formação de que ele é portador.

A história de vida em formação: o sujeito em projeto

Do ponto de vista epistemológico e metodológico, os pressupostos teóricos que inspiram as tendências de formação pelas histórias de vida podem ser apresentadas sinteticamente sob dois aspectos: o primeiro atém-se ao estatuto da *narrativa* na experiência que o *sujeito* faz de si mesmo, mediante a produção de sua *história*; o segundo, à dimensão de *projeto* constitutivo da história de vida e do processo de formação (Delory-Momberger, 2003)³.

A narrativa de vida ou a experiência do sujeito

A negação de algumas fórmulas-slogans permitirá situar o espaço que é próprio da *narrativa* no processo de construção da história de vida e da enunciação-formação do sujeito.

A vida contada não é a vida

A narrativa não entrega os ‘fatos’, mas as ‘palavras’: a vida recontada não é a vida. Essa constatação tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil de se compreender, tão forte é a ilusão do *realismo* da linguagem, merece ser constantemente lembrada. Nenhuma prática de formação pode pretender reconstituir por si só o que seria o curso factual e objetivo do vivido; o ‘ob-

1. Segundo a fórmula sintética de Michel Fabre (1994), o modo de pensar da formação do qual sobressaem os procedimentos de histórias de vida tem por objeto “compreender e regular a produção de formas (modelos) na história dos sujeitos”.

2. Esses procedimentos foram objeto de apresentações alentadas que dispensam retomar longamente os detalhes dessas iniciativas.

3. Os apóstrofes assinalam o risco que assumo voluntariamente utilizando esses termos, considerando o uso corrente, mas raramente explicitado em numerosas práticas de formação.

jeto' sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas histórias de vida não é, portanto, 'a vida', mas as construções narrativas que os participantes do grupo de formação elaboram, pela fala ou pela escrita, quando são convidados a contar suas vidas. O efeito-narrativa tem sido descrito, segundo a análise e os termos de Paul Ricoeur, como uma *reconfiguração*, uma *síntese do heterogêneo*, obedecendo a um movimento de *discordância-concordância*. Recorrendo às análises de René Lourau, tive a oportunidade de descrever a narrativa como um ato de *passagem* pelo qual o narrador retoma, de acordo com os processos associativos, os espaços e os tempos esparsos e polimorfos de sua existência em um espaço-tempo construído e unificado (Delory-Momberger, 2000).

Segunda característica da narrativa como objeto de linguagem: ela se constitui no tempo e no espaço de uma enunciação e de uma inter-relação singulares. Longe de ser fixada em uma forma única que lhe daria um passado objetiva e definitivamente fixo, a narrativa de vida é uma matéria instável, transitória, *viva*, que se recompõe sem cessar no presente do momento em que ela se anuncia. Presa ao presente de sua enunciação e, ao mesmo tempo, meio e fim de uma interação, a narrativa da vida não é, jamais, 'de uma vez por todas'. Ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói, juntamente com ela, o sentido da história que anuncia. Essa história por definição não é jamais 'finita', submetida ao perpétuo não acabamento ou, o que dá no mesmo, circunscrita a um acabamento que está sempre *adiante* dela. Para remeter, mais uma vez, aos termos de Paul Ricoeur (1985), a *identidade narrativa* que o narrador se atribui pela "*mise en intrigue*"⁴ de si próprio não é senão uma figura dentre outras possíveis, destinada a ser indefinidamente retomada e revista.

Nesse sentido, não é tanto a história da vida reconstruída que importa em si, mas sim o sentimento de congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado recomposto, a impressão de conveniência que essa história toma *para mim* no aqui e agora de sua enunciação. Ela é a

história que eu me atribuo e na qual eu me reconheço, é a que me *convêm* e à qual eu *convenho*, a versão 'suficientemente boa' (Winnicott, 1970; Delory-Momberger, 2002)⁵ que eu me dou da minha vida.

O sentido não está por trás de si

O modelo de inteligibilidade que inspira as práticas biográficas contemporâneas é aquele do relato de formação: o curso da vida é concebido segundo um eixo progressivo e linear e desenha uma trajetória onde seria necessário reencontrar o traçado para alcançar o sentido. Na prática e nos discursos contemporâneos, esse modelo vetorial se declina em duas dimensões complementares: a dimensão da reapropriação e a da identidade. O objetivo da 'reapropriação de sua história', para o qual converge a maior parte das formações pelas histórias de vida, tem como hipótese que *há* uma história e que esta *tem* um sentido, dito de outra forma, o sentido *já possui* o seu lugar e a tarefa da formação consiste em reencontrar, por *trás* ou *sob*, aquilo que o dissimula ou o impede de vir à tona. A fórmula, mais precisa, 'tornar-se sujeito de sua própria história' é, por essa razão, absolutamente significativa, pois ao pôr em evidência os dois termos *sujeito* e *história*, ela dá a entender que a formação tem por objeto reatar a ligação entre essas duas entidades reconhecidas como separadas, dissociadas, mas cuja existência como tal não é problematizada. Se o tema da identidade (*pesquisar, reconhecer, encontrar sua identidade*) retoma a dimensão da temporalidade (*reconhecer-se em uma história*) e o complementa com o da unificação: a identidade é concebida como aquilo que é próprio de um ser, que *forma um consigo próprio* no tempo e no espaço, que integrou a diversidade de seus pertencimentos, resolveu suas disparidades, encontrou o princípio

4. V. nota 10. N. R.

5. O termo é retomado de D. Winnicott que assim designa uma mãe nem particularmente boa nem particularmente má, mas com a qual a criança consegue construir-se. Tive a oportunidade de desenvolver a noção de 'história suficientemente boa' em uma comunicação no Colóquio Lyon, 2001.

de sua unificação e perseguiu a realização de seu ser unificado, no curso do caminho em que ele reconheceu *seu traço*.

Mesmo o termo *história de vida* e os contextos nos quais ele é utilizado (*fazer a história de sua vida, reapropriar-se de sua história*) levam a crer que as coisas estão ‘por trás de si’, que os acontecimentos passados da vida têm uma forma e um sentido neles próprios, dito de outra forma, que eles *fazem história* e que seria suficiente reconstituir essa história para ter acesso à realidade e à verdade de um vivido cujo sentido permaneceu *escondido, alienado, recalcado* (segundo os referenciais teóricos aos quais se dedica). As concepções que se exprimem desse modo parecem ceder a uma forma de realismo psicológico concedendo o crédito de uma realidade vivida a construções que são construções da *linguagem* e do *discurso*.

A história de vida tem lugar na narrativa

A narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significativa; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. É a narrativa que designa os papéis aos *personagens* de nossas vidas, que define posições e valores entre eles. É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, *relações* de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos *argumentos* entre um começo e um fim e os atrai para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encaixamentos acabados; que compõe uma totalidade significativa em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma *história* à nossa vida: *nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós*

temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida.

Essa hermenêutica em ato foi concebida como uma *operação de configuração*, que Paul Ricoeur (1985) descreveu sob o termo de *mise en intrigue*. Todavia, essa operação de configuração é em primeiro lugar uma *operação* discursiva: é a narrativa como gênero de discurso que a caracteriza, não somente o meio, mas o lugar; a história de vida *tem lugar* na narrativa. O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem. A narrativa não é, portanto, somente o sistema simbólico no qual *o pôr em forma* da existência encontraria sua expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano *toma forma*, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida.

Compreender sua história no texto

No procedimento de formação pelas histórias de vida, a narrativa é uma preliminar. Como bem salientou Alex Lainé (1998), a narrativa é o momento primeiro do processo de produção de uma história de vida, que só começa a partir do trabalho de reflexão (de retorno sobre si) e de análise feito sobre a narrativa. Esse trabalho se remete a uma leitura hermenêutica que visa marcar as linhas de força e os pontos de convergência segundo os quais a narrativa configura o ‘vivido’ e a reconhecer as estruturas do “mundo manifestado, no texto” (Ricoeur, 1985, p. 161). Compreender é: compreender-se frente ao texto, disse Paul Ricoeur, compreender sua ‘história’, fazer o trabalho de compreensão que o texto pede, na medida em que ele ordena e sintetiza segundo as razões de uma lógica discursiva, um espaço individual de experiência histórica e social. Essa compreensão hermenêutica não é dada: ela demanda um distanciamento crítico e uma capacidade de ‘leitura’ da qual o narrador, envolvido em sua narrativa, não dispõe voluntariamente. É esse espaço de objetivação crítica e de compreensão que a proposta de formação dá acesso e que o grupo de formação realiza coletivamente.

O sujeito se institui no discurso

Poderíamos dizer da história de vida, tal qual ela é construída na narrativa, que é a *ficção verdadeira* do sujeito: ela é a história que o narrador, no momento em que a enuncia, tem por verdadeira, e ele se constrói como sujeito (individual e social) no ato de sua enunciação. Se a história de vida não é um *déjà-là*⁶ a que a narrativa feita daria acesso, ela aparece em contrapartida como um dos espaços privilegiados de instituição do sujeito na linguagem. Ato de fala complexo, que institui o sujeito no tempo de sua enunciação, a história de vida merece plenamente o estatuto de *ato performativo* que os lingüistas atribuem aos enunciados que *efetua* a ação ao mesmo tempo em que a significam (Pineau, 2000)⁷.

A questão do sujeito está assim ligada à linguagem de modo constitutivo, na medida em que a linguagem é o espaço onde se fabrica, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma 'história' e o 'sujeito' dessa história. Essa figura de um *si-próprio* que nós denominamos o sujeito não é um dado, que podemos constatar a existência e vestir o *estado*, mas uma construção sempre em ato, dizendo de outro modo, um conjunto dinâmico de *operações*, um *processo*. O sujeito não cessa de se instituir como sujeito, ele é objeto incessante de sua própria instituição. O *Eu* atualizado do discurso é a forma primeira na qual se institui o sujeito: é o *Eu* que me inscreve ao mesmo tempo como *sujeito-narrador* e como *sujeito-ator* da história, que eu conto sobre mim mesmo. Ficção necessária e sempre renovada, o sujeito é essa figura flexível e variável ao qual é dado *se compreender* como autor de sua história e de si próprio.

Durante o ato da narrativa, o sujeito se configura segundo uma *hipótese* de si mesmo que advém da multiplicidade de possibilidades que constituem seu horizonte e que ele toma provisoriamente como aceitável ou 'suficientemente boa'. Dizer, do sujeito, que ele é uma *hipótese* é dizer que ele permite *instituir* provi-

soriamente uma figura de si, submetida à validação da *experiência*. Por meio da sucessão e da diversidade das experiências, o sujeito-hipótese testa e experimenta a validade de sua construção identitária e a reconfigura sob medida.

Formabilité⁸ e projeto de si

Toda atividade humana, desde a mais rotineira até a mais excepcional, implica um horizonte de possibilidade, um espaço diante dela mesma que a *conduz à existência* e que lhe confere sua finalidade e sua justificação. Heidegger formulou mais precisamente essa relação determinante da existência em direção ao futuro e ao possível: nós não podemos ser o que somos a não ser projetando o *ser*; nós não podemos chegar a nenhuma forma de existência a não ser que estejamos voltados para o nosso possível, a fim de antecipá-lo, de temê-lo, de ceder-lhe, de assumi-lo. Nós estamos constantemente em um *ativismo* que nos põe às voltas com nossa implicação no real – nosso ser-no-mundo – e nossa orientação para o futuro – nosso estar-diante-de si.

Esse *projeto de si* primordial não deve ser compreendido como uma construção consciente, que visa imediatamente realizações concretas, mas como um empurrão em direção à frente, uma orientação em direção ao futuro, constitutiva do *ser*.

Esse projeto não tem nenhuma relação com um plano de conduta que o ser-aí teria inventado e segundo o qual edificaria seu ser: como ele é ser-aí, este é sempre já projetado e permanece em projeto também enquanto ele é [...]. (Heidegger *apud* Ricoeur, 1986)

Nesse sentido, o *projeto de si* não é objetivamente apreensível: as mediações que ele

6. Expressão cuja tradução literal seria já-aí. N. T.

7. É nesse sentido que Gaston Pineau, citando a formulação de Benveniste, descreveu: "É na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito" definiu a história de vida como "uma prova pragmática performativa".

8. Essa é mais uma expressão criada pela autora, que não tem correspondente em português. Indica literalmente a possibilidade de se *dar forma* a algo e, por analogia, a possibilidade de formação. N. T.

pode descobrir sob a forma de realizações concretas são apenas estados transitórios, substitutivos, que não podem fundamentalmente nem coincidir inteiramente com ele nem esgotá-lo. Se o *projeto-de-si* excede sempre os projetos particulares que tentam objetivá-lo, há, entretanto, necessidade dessas mediações para se *dar forma* e poder encontrar o lugar *spatio-temporal* no qual eles vão se desenvolver e se realizar. Entre essas realizações, algumas comprometem uma temporalidade longa (projetos de formação, projetos profissionais, projetos matrimoniais e familiares). Outras se atualizam em atitudes que tocam na imagem física e mental que o indivíduo tem de sua própria *forma*, na relação com o 'estilo' ou com a 'escritura' que ele tem de si próprio e que lhe faz adotar posturas corporais, maneiras de se vestir, modos de comportamentos que dão forma ao sentimento que ele tem de si mesmo.

Pela mesma razão, o ato de contar sua vida inscreve-se na dinâmica do projeto de si e concretiza uma forma particular dele. Entretanto, a narrabilidade do *eu* e o procedimento de retrospectão, que são próprios do relato, tendem a fazer desconhecer o que constitui o verdadeiro motor da história, a saber, o movimento que a conduz adiante. A crença depositada na 'realidade' da narrativa e a atitude de determinação que ele entranha (esta é a minha história e essa história explica o que eu sou) têm como efeito dissimular a visão prospectiva que a anima. Porém, é nessa visão primeira de um *ser-a-vir* e de um *ser-para* que o eu se constrói como *tendo-sido*. Se a *vida contada* é uma construção de si, sempre aberta e sempre a refazer, é porque ela se origina e se desenvolve no horizonte de que ainda não é ou, para retomar os termos heideggerianos, se vai ser aí o ser de si mesmo.

Pudemos, às vezes, representar a narrativa de vida como uma forma de *balanço prospectivo* revestindo o estado de uma relação ao possível e pesquisando, no reconhecimento do passado, orientações para o futuro. A essa concepção objetivada e gerencial, pode-

ríamos opor a concepção paradoxal e dinâmica da *construção prospectiva do passado* ou, para dizê-lo em outros termos, da maiêutica do passado para o futuro: o impulso do projeto de si permite advir à perspectiva de uma história que desenha um futuro possível e se concretiza em projetos singulares. Vias se abrem, não porque o passado foi reconhecido como tal e por si mesmo, mas porque a dinâmica prospectiva induziu uma história de si, que não está fechada sobre si, mas que dá lugar ao que virá, deixando emergir potencialidades projetivas. Na relação de engendramento de temporalidades entre si, não é o passado que dá luz ao futuro, mas a projeção do possível que é *grávida* de uma história – de uma ficção verdadeira –, aberta sobre um projeto de mim-mesmo. A história de vida não é a história da vida, mas a *ficção* conveniente pela qual o sujeito se produz como projeto de si mesmo. Não pode haver sujeito, a não ser em uma história a fazer e é a emergência desse sujeito que *intenciona* sua história, que conta a história de vida.

Para o que formam, então, as histórias de vida? No triângulo da formação sinalizado por Michel Fabre (1994), ("o formar 'em' da lógica didática dos conteúdos e dos métodos, o formar 'por' da lógica psicológica da evolução do formado, o formar 'para' da lógica socioeconômica da adaptação aos contextos culturais e socioprofissionais"), as histórias de vida situam-se, com certeza, do lado do processo de mudança global da pessoa e da relação do formado com o saber e com a formação. As histórias de vida não formam nada que seja da ordem de um corpo de saber constituído, de uma competência instrumental específica, de um dispositivo procedimental ou conceitual determinado. As histórias de vida não formam nada além da *formabilité*, isto é, da capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com a sua 'história' considerada como 'processo de formação' (Dominicé, 1990). A capacidade de mudança (a *formabilité*), postulada pelos procedimentos de formação mediante as histórias de vida, repousa no reconhecimento da vida como experiên-

cia formadora, e da formação, como estrutura da existência (Honoré, 1977; 1990). O procedimento de formação consiste em trabalhar sobre as representações que os formados dão nos relatos de suas experiências de formação, reinscrevendo-as na perspectiva de um projeto. A dimensão de projeto é assim constitutiva do procedimento de formação, na medida em que ela instaura uma relação dialética entre o passado e o futuro e em que ela abre à pessoa em formação um espaço de *formabilité*.

Os ateliês biográficos de projeto

Os procedimentos de formação conduzidos sob a forma de *ateliês biográficos de projeto* destinam-se a considerar essa dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité* aberto ao *projeto de si*.

O quadro e as etapas de um dispositivo

O procedimento do ateliê biográfico de projeto inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro) e visa fundar um futuro do sujeito e fazer emergir seu projeto pessoal. O dispositivo apresentado pode ser aplicado em diversos setores da formação de adultos, adequado a públicos tanto universitários quanto profissionais, inscrever-se em ações de orientação ou reorientação profissional ou vir acompanhado de dispositivos de inserção. O quadro mais favorável de trabalho é o de um grupo que não exceda o número de 12 participantes. Os participantes tomam conhecimento, com antecedência, do tema e da sinopse da sessão. Os encontros se desenvolvem em seis etapas, segundo um ritmo progressivo que corresponde a uma intensificação do envolvimento que é importante para cada um controlar.

O primeiro momento é um tempo de *in-formações* sobre o procedimento, os objetivos do

ateliê e os dispositivos colocados em prática. O trabalho proposto sobre a história de vida é colocado sob a perspectiva de um projeto universitário ou profissional que ele deverá contribuir para extrair. A história pessoal é aproximada como movimento orientado colocando em ação, por meio de projetos concretos que aí são empreendidos, esboçados, realizados ou abandonados, um projeto de realização pessoal que pode adquirir diferentes formas: social, profissional, cognitiva, existencial etc. A relação ao passado está implicada uma antecipação e uma projeção do futuro, e a reconstrução desse passado está *plena* de uma intencionalidade mais ou menos definida. O objetivo do ateliê é precisamente dar corpo a essa dinâmica intencional, reconstruindo uma história projetiva do sujeito e extraindo a partir dela projetos submetidos ao critério de exequibilidade.

Desde essa primeira fase são notificadas as regras de ‘segurança’ visando responsabilizar cada um sobre o uso que faz de sua palavra e sobre o seu grau de engajamento. Trata-se de uma palavra *social*, conscientizada na relação com o outro, e o formador deve chamar a atenção sobre as emoções que acompanham certas atividades autobiográficas, a fim de evitar ‘derrapagens’ de ordem terapêutica que desequilibrariam o grupo e o fariam sair de seu quadro de funcionamento e de sua finalidade. A animação do grupo consiste aqui em administrar as ‘entradas em contato’ com as emoções e apelar para a co-responsabilidade do conjunto dos participantes no que diz respeito à explosão afetiva e emocional. É transmitida uma regra de discrição e reserva sobre tudo o que será contado no interior do ateliê.

O segundo momento corresponde à *elaboração, à negociação e à ratificação coletiva do contrato biográfico*. Essa fase representa um momento fundador no trabalho autobiográfico: o contrato, que pode ser passado oralmente ou por escrito, é o ponto de consolidação do ateliê biográfico: ele fixa as regras de funcionamento, enuncia a intenção auto-formadora, *oficializa* a relação consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de *trabalho*.

Esses dois primeiros momentos se desenvolvem em uma jornada no fim da qual ainda pode ser tomada a decisão de se retirar do grupo de trabalho. Um prazo de duas a três semanas é observado antes de se passar para as fases seguintes.

Os terceiro e quarto momentos, que se desenvolvem em duas jornadas, são consagrados à *produção da primeira narrativa autobiográfica* e à sua *socialização*. Um trabalho exploratório progressivo é colocado em andamento, alternando formas de atividades em grande grupo e em subgrupos, sobre a base de suportes diversos: árvore genealógica, mandala⁹, projetos parentais, brasão etc. O formador apresenta os eixos precisos que orientam a narrativa autobiográfica: pede-se aos participantes que reescrevam seus percursos educativos evocando figuras marcantes (pais, adultos, pares), as etapas e os eventos (positivos/negativos) desse percurso em seus múltiplos aspectos (educação doméstica, escolar, paraescolar, experiencial); nas reconstruções do percurso profissional, cuja demanda diz respeito às primeiras experiências de trabalho remunerado, às figuras e aos encontros que exerceram influência nas decisões profissionais. Essa primeira narrativa, de aproximadamente duas páginas, salienta o ‘rascunho’, o esboço, e representa o esqueleto da autobiografia posterior. As ‘histórias contadas’ são faladas (e não lidas) e questionadas no seio de grupos de três pessoas (*triades* que permitem sair da relação dual projetiva e favorecem a emergência da fala). Elas estão relacionadas, ao mesmo tempo, aos projetos de que podem constituir a marca no passado dos participantes e àqueles que podem desenhar os contornos para o futuro. A finalidade dessa primeira narrativa é a de constituir um traçado para a escrita da segunda narrativa autobiográfica, que é o objeto de uma ‘encomenda’ para o encontro seguinte, duas semanas mais tarde.

O quinto momento é o da *socialização da narrativa autobiográfica*. Cada um apresenta sua narrativa para o coletivo e os participantes colocam questões sem jamais procurar dar uma interpretação: esse trabalho conjunto de elucidação narrativa visa ajudar o autor a construir o sentido de sua história e os ouvintes a compreende-

rem essa história do exterior, como eles fariam em um romance ou em um filme. O narrador é assim conduzido a readaptar sem cessar sua história à lógica das pressões narrativas que lhe são impostas do exterior. Um escritor (o *escriba*), escolhido pelo narrador, toma nota da narrativa e das intervenções dos participantes. É previsto um tempo, ao fim da sessão, para permitir a cada *escriba* escrever em primeira pessoa a autobiografia de seu ‘autor’ e essa narrativa é devolvida a seu locutor/destinatário. O trabalho de reescrita, por um terceiro, inscreve-se novamente na perspectiva de coerência narrativa, acima enunciada, e ‘objetiva’ aos olhos de seu autor/ator a ‘história de sua vida’. O percurso de apropriação de sua história, que é comum ao conjunto de práticas de histórias de vida, passa aqui pela *busca compreensiva* do outro e o *distanciamento* de si mesmo. A partir do *script* proposto, cada participante procede, então, fora do ateliê, a redação ‘definitiva’ de sua autobiografia, sem exigências de tamanho ou forma.

Duas semanas depois, ocorre o sexto momento, que é um *tempo de síntese*. No interior das triades, o projeto pessoal de cada um é co-explorado, realçado e nomeado. Em reunião coletiva, cada participante apresenta e argumenta seu projeto. Um último encontro, marcado para um mês após o fim da sessão, faz um *balanço de incidência* da formação no projeto profissional de cada um.

Os desafios de um procedimento de formação

Uma intenção estritamente formativa

É apropriado, inicialmente, distinguir com clareza o procedimento de formação, aplicado aos *ateliês biográficos de projeto* do que ele não é: nem ‘procedimento de desenvolvi-

⁹. Mandala: diagrama composto de formas geométricas concêntricas, utilizado no *hinduísmo*, no *budismo*, nas práticas psicofísicas da *ioga* e no *tantrismo* como objeto ritualístico e ponto focal para meditação (Houaiss – CDR – Língua Portuguesa). N. R.

mento pessoal' nem forçosamente uma ação com intenção terapêutica. Os procedimentos de objetivação das produções individuais (relatos orais ou escritos) e o caráter coletivo do trabalho são garantia do distanciamento crítico e da dimensão de socialização, inerentes a um procedimento de formação. Por isso a insistência sobre o contrato, sobre o protocolo, sobre o caráter *construído* das situações criadas e dos 'objetos' produzidos no grupo de formação. A situação de formação estabelecida nos *ateliês biográficos de projeto* é construída por muitas razões: ela o é na formulação explícita de sua intenção – o trabalho de produção da história da vida articula-se sobre a definição de um projeto de formação –; ela o é no papel reconhecido ao grupo de formação – o procedimento de construção biográfica é confrontado por modalidades de funcionamento controladas –; produzido segundo um protocolo acordado para o conjunto dos participantes, o relato torna-se o lugar de um trabalho reflexivo no qual as representações enviadas pelo grupo desempenham um papel determinante. Resultados da interação entre os membros do grupo, os relatos de vida são o lugar de uma objetivação coletiva. O autor do relato, para os que estão a sua volta, é identificável ao objeto de linguagem que ele constrói e que ele oferece em partilha aos membros do grupo de formação.

O procedimento aplicado apóia-se sobre duas práticas cuja complementaridade permite compreender a presença do *outro* e dos *outros*. Presença esta, ao mesmo tempo, pessoal e social, no movimento de reflexividade operada sobre si-mesmo: a da *autobiografia*, do trabalho realizado sobre si-mesmo no ato da palavra que, falada ou escrita, é sempre um ato de *escritura de si*; e a da *heterobiografia*, ou seja, do trabalho de escuta/de leitura e de compreensão do relato autobiográfico mantido pelo outro. A atitude hermenêutica tende a reunir essas duas práticas e a considerá-las como dois aspectos de um mesmo movimento: a palavra de si nunca é puramente solipsista; e ela se realiza em uma relação a outrem e no ajustamento a uma situação de interlocução particular. Do

mesmo modo, a compreensão da palavra autobiográfica do outro se constrói no vínculo do ouvinte, ou do leitor, consigo mesmo e com sua própria construção biográfica.

Os procedimentos desenvolvidos para os relatos orais ou escritos produzidos no grupo de formação visam fazer reconhecer os motivos organizadores, as tematizações, os procedimentos de valorização e de finalização aplicados; extrair, desse modo, a estrutura das experiências formadoras dos participantes; e fazer emergir um futuro da 'história de formação' construída no relato, sob a forma de projetos submetidos ao princípio de 'realidade'.

O dispositivo aplicado inscreve-se, assim, em uma intencionalidade estritamente formativa. Se os ateliês biográficos visam um efeito transformador, este não se confunde com o efeito de um trabalho introspectivo realizado no contexto de uma psicoterapia. O projeto de si comprometido no *trabalho biográfico*, no sentido em que o entendemos, desenvolve-se no âmbito da socialização de um relato de vida, que postula uma inteligibilidade partilhada do mesmo e do outro: eu disponho da experiência e da competência biográfica que permitem compreender o outro e que me permitem compreender-me por meio do outro. As reconstruções operadas são postas imediatamente como hipóteses no seio de um trabalho coletivo de narração e de objetivação do relato de vida.

Esse distanciamento, assumido como tal nas modalidades de funcionamento do grupo de formação, não deixa lugar às emoções do tipo catártico: para retomar a definição de Guy de Villers, ela não apela ao psíquico para operar sobre o psiquismo, porém ela induz reações emocionais socializadas no quadro coletivo construído. O estatuto declarado dos relatos autobiográficos produzidos no coletivo os define explicitamente como materiais de trabalho para um projeto de si profissional. O dispositivo e as regras de funcionamento estabelecem os limites do trabalho de formação: afirmação repetida do quadro não terapêutico da formação, compromisso da palavra pessoal

em relação a si próprio e aos outros, co-responsabilidade do grupo e das atividades daí decorrentes, não-submissão dos estagiários ao animador ou dos estagiários entre si. As fronteiras entre terapia e formação estão desse modo claramente demarcadas, e o esforço para permanecer no quadro definido e aceito é objeto de um trabalho permanente de auto e de co-vigilância da parte dos participantes, dos estagiários e do animador.

O poder socializador da atividade biográfica

A prática dos ateliês biográficos de projeto mostra que a eficácia da história de vida nos procedimentos de formação está ligada de modo constitutivo à dimensão de socialização inerente à *atividade biográfica*. Entendo aqui por atividade biográfica o conjunto das operações segundo as quais os indivíduos inscrevem suas experiências nos esquemas temporais orientados que organizam mentalmente seus gestos, seus comportamentos, suas ações de acordo com uma *lógica de configuração narrativa*. Se o discurso narrativo constitui um modo essencial da atividade biográfica, esta se estende igualmente ao conjunto das atitudes e dos sinais pelos quais os membros de uma sociedade (de uma cultura, de um grupo social, de uma faixa etária etc.) constituem e manifestam seu ser individual: apresentação do corpo, modos de inscrição no espaço físico e social, comportamentos ritualizados, atos performáticos.

Entendida desse modo, a *atividade biográfica* não é uma atividade episódica e circunstancial limitada apenas ao relato da vida, mas uma das formas privilegiadas de atividade mental e reflexiva segundo a qual o ser humano representa-se e compreende a si mesmo no seio de seu ambiente social e histórico. A atividade biográfica realiza assim uma operação dupla e complementar de subjetivação do mundo histórico e social e de socialização da experiência individual: ela é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, aquilo por meio do qual

os indivíduos se constroem como seres singulares e aquilo mediante o que eles se produzem como seres sociais. A atividade biográfica aparece, conseqüentemente, como um processo essencial da constituição do indivíduo em sociedade (Delory-Momberger, 2004)¹⁰.

As situações de formação que solicitam a reflexividade biográfica, tais como são aplicadas nos procedimentos de formação por histórias de vida, são casos particulares – deliberados e organizados – de ativação do *processo de biografização* pelo qual os indivíduos inscrevem-se subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que preexistem a eles e os ambientam, atualizando e apropriando-se subjetivamente não apenas das seqüências, dos programas e dos padrões biográficos formalizados (currículo escolar, currículo profissional, roteiros de ação e tramas), mas também dos ‘gestos’, rituais, comportamentos, códigos dos mundos sociais de pertencimento.

Na apresentação de si mesmo por meio do relato, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo: ele explicita as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica. Ele também é intérprete do mundo histórico e social que é o dele: ele constrói figuras, representações, valores (Demazière, 1997), considerando que é no relato que ele faz suas experiências de que o sujeito produz categorizações que lhe permitem apropriar-se do mundo social e nele definir seu lugar. Os autores atribuem-se a tarefa de “estudar a categorização em ato na linguagem como constituição de um mundo simbólico estruturado dando-se conta das práticas do locutor” (p. 81). Por essa razão, o poder do relato biográfico e o espaço de formação que ele abre não advêm do controle do ‘ser interior’ considerado em si mesmo e para si mesmo, mas advêm da *forma histórica e socialmente construída* que o relato permite dar às experiências individuais. Advêm, ainda, das *linguagens partilhadas* nas quais ele faz ouvir his-

10. Resumo aqui rapidamente as posições desenvolvidas na terceira parte de meu livro citado.

tórias singulares, da *ligação* que ele permite manifestar e, às vezes, restaurar entre os componentes existenciais e os componentes sociohistóricos da vida individual.

O que as práticas formativas por histórias de vida fazem aparecer é a dimensão socializadora da atividade biográfica, o papel que ela exerce na maneira pela qual os indivíduos se *compreendem* a si mesmos e se *estruturam* em um vínculo de co-elaboração de si e do mundo social. Ainda que tomem a forma de roteiros de ação, de construções mentais, de episódios de conversação, de relatos de vida, as 'histórias' que contamos sobre nós mesmos e que, em alguns casos, endereçamos a outros, longe de nos remeter a uma intimidade inacessível, têm como efeito harmonizar nosso espaço-tempo individual com o espaço-tempo social. Harmonia que só pode ser obtida porque a seqüência narrativa que construímos, nas suas formas e em seus conteúdos, subentende um conhecimento dos contextos, das instituições, das práticas, porque ela configura uma racionalidade social à qual estamos misturados, porque ela é uma *mediação* entre o mundo social e nós mesmos. Nas múltiplas ocasiões de relato que o cotidiano nos oferece, *instituindo*-nos como autor (ao menos narrativos) das 'histórias' que contamos, não deixamos, na realidade, de participar da construção da realidade social, enunciando-a segundo os múltiplos motivos e as múltiplas intrigas que nos ligam a ela. De qualquer modo, nós não podemos fazer com que as histórias que contamos sobre nós mesmos e para nós mesmos não sejam, ao mesmo tempo, história da sociedade (Delory-Momberger, 2004).

Ao apoiar-se sobre esse poder socializador do relato biográfico e ao ativar, mediante situações construídas, esse *trabalho de gênese socioindividual* característico da atividade biográfica, os procedimentos de formação por histórias de vida, particu-

larmente no âmbito dos ateliês biográficos de projeto, podem ter um efeito transformador. Por um lado, ao pôr em evidência, na história das pessoas em formação, a evolução e as componentes de sua relação com a formação, relação que é uma das formas de vínculo social na medida em que toda situação e toda ação de formação, fazem sobressair dispositivos e modos de intervenção socialmente construídos; de outro lado, dão acesso ao espaço de *formabilité*, no qual poderá se inscrever a realidade de um projeto pessoal e profissional, que considera tanto disposições dos indivíduos como condições sociais e econômicas.

Uma vez extraída a potencialidade do projeto, é efetivamente sua *exequibilidade* social, ou seja, sua capacidade de reatar a ligação entre o espaço de *formabilité* da pessoa e o espaço social de efetivação dos atos que é, ao mesmo tempo, o meio e a melhor garantia da *trans-formação* da pessoa. Se a formação, por meio do *trabalho biográfico* que ela estimula, pode pôr em movimento essa dinâmica prospectiva da mudança ao dar-lhe a forma de um *projeto*, é apenas na realização de comportamentos e atos sociais, no confronto e na negociação com os limites socioeconômicos e profissionais, que esse projeto, aos inscrever-se no espaço social, encontrará sua 'realidade' e realizará a capacidade de mudança do sujeito.

Tanto é verdadeiro que o 'sujeito' não muda em si mesmo e para ele mesmo, mas na relação que ele forma e que ele constitui com um *externo* – que segundo os referenciais tomados chamar-se-á o *Outro*, o *outrem generalizado*, o *social*. Tanto é verdadeiro, igualmente, que o objeto da formação está sempre fora da própria formação, não tanto nas pessoas, consideradas em si mesmas, como na relação que ela permite construir, sustentar, aprofundar entre estas e as condições que fazem delas *indivíduos sociais*.

Referências bibliográficas

- DELORY-MOMBERGER, C. L'écho et le silence dans le labyrinthe généalogique. In: LAHLOU, M. (Dir.). **Histoires familiales identité citoyeneté**. Lyon: L'interdisciplinaire. 2002, p. 19-30.
- _____. L'institutionnalisation ou la fabrique du sujet. **Cahiers de l'implication**, n. 4 (L'institutionnalisation), hiver 2000-2001, Paris-8. 2000.
- _____. **Biographie et éducation**: figures de l'individu-projet. Préface de Pierre Dominicé, Paris: Anthropos. 2003. (Col. Éducation)
- _____. **Les histoires de vie**: de l'invention de soi au projet de formation. Paris: Anthropos. 1^{ère} éd. 2000, 2^{ème} éd. 2004.
- _____. Biographie, socialisation, formation: comment les individus deviennent des individus. **L'Orientação scolaire et professionnelle**, n. 4 (Travail biographique, construction de soi et formation), CNAM/INETOP. 2004.
- _____. **Histoire de vie et recherche biographique**. Paris: Anthropos. 2004.
- DEMAZIERE, D.; DUBAR, C. **Analyser les entretiens biographiques**: l'exemple des récits d'insertio. Nathan: Coll. Essais et Recherches. 1997.
- DOMINICE, P. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L'Harmattan. 1990.
- FABRE, M. **Penser la formation**. Paris: PUF. 1994.
- HONORE, B. **Pour une théorie de la formation**: dynamique de la formativité. Paris: Payot. 1977.
- _____. **Sens de la formation, sens de l'être en chemin avec Heidegger**. Paris: L'Harmattan. 1990.
- LAINE, A. **Faire de sa vie une histoire**: théories et pratiques de l'histoire de vie en formation. Paris: Desclée de Brouwer. 1998.
- PINEAU, G. **Temporalités en formation**: vers de nouveaux synchroniseurs. Paris: Anthropos. 2000.
- PINEAU, G.; JOBERT, G. **Histoires de vie**. (Tomes 2). Paris: L'Harmattan. 1989.
- PINEAU G.; MICHELE, M. **Produire sa vie**: autoformation et autobiographie. Montréal: Editions coopératives Albert Saint-Martin. 1983.
- PINEAU G., LE GRAND J.-L. **Les histoires de vie**. Paris: PUF. 1993.
- RICOEUR, P. **Temps et récit**. (Tomes 3). Paris: Seuil. 1983-1985.
- _____. **Du Texte à l'action**: essais d'herméneutique II. Paris: Seuil. 1986.
- _____. L'identité narrative. **Esprit (Paul Ricoeur)**, n. 7-8, 1988.
- WINNICOTT, D. **L'enfant et sa famille**. Paris: Payot, 1970.

Recebido em 22.02.06

Aprovado em 22.05.06

Christine Delory-Momberger é pesquisadora franco-alemã. Trabalha atualmente na Universidade Paris 13 que congrega, juntamente com a Universidade Paris 8, o Laboratório de Pesquisa EXPERICE, de caráter interuniversitário. Nos últimos cinco anos, tem se dedicado de modo intenso à divulgação das histórias de vida em formação, publicando diversos trabalhos sobre o tema.